



ola@grandesite.com.br

## **HYSTERIA: UM DIÁLOGO ENTRE MULHERES DE DIFERENTES ÉPOCAS ATRAVÉS DE SEUS TRAJES**

*Hysteria: a dialogue between women from different times through their costumes*

Heloisa Silva Nogueira

[hheloisanogueira@gmail.com](mailto:hheloisanogueira@gmail.com)

Pós Graduada em Produção cultural e curadoria

**Resumo:** O espetáculo Hysteria, feito pelo Grupo XIX de teatro, é uma obra que atravessa os anos em seus diversos elementos. Com uma dramaturgia baseada no século XIX, o público é convidado a refletir sobre as semelhanças com o mundo contemporâneo de diversas formas, não só na interação constante mas também em suas construções, tais como o figurino da atriz Juliana Sanches, analisado nesse artigo.

**Palavras chave:** Hysteria; traje de cena; feminino.

**Abstract:** The show Hysteria, made by Grupo XIX de Teatro, is a work that crosses the years in its various elements. With a dramaturgy based on the 19th century, the public is invited to reflect on the similarities with the contemporary world in different ways, not only in constant interaction but also in its constructions, such as the costume of actress Juliana Sanches, analyzed in this article.

**Keywords:** Hysteria; scene costume; feminine

## Introdução

Fundado no Centro de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo - USP a partir de pesquisa acadêmicas, o Grupo XIX de Teatro, está a mais de vinte anos em cartaz com espetáculos que narram dramas sociais através de uma poética crítica reflexiva apresentada em edifícios abandonados pelas cidades que visitam. No caso de *Hysteria*, espetáculo analisado neste artigo, são 22 anos propondo um diálogo feminino entre o público e plateia até mesmo de forma literal.

## O espetáculo

A idealização de *Hysteria* teve seu início em uma cena curta realizada na disciplina de direção teatral ministrada por Antônio Araújo na formação de Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP) a partir dos princípios do processo colaborativo. De acordo com o grupo, nesse trabalho, eles optaram pela história marginal no lugar da oficial, de modo a ter uma pesquisa baseada num material mais rico, já que a história da mulher está intimamente ligada à tradição oral. Assim, já encontramos o primeiro indício de diálogo entre as épocas, no trecho a seguir.

“Na busca de fazer ecoar a voz embargada da mulher, somamos boletins de ocorrência, laudos médicos, jornais cariocas da época, anotações íntimas, retratos posados e tirados por mulheres, diários publicados e cartas esquecidas; e também a valorização da longevidade das vozes roucas de nossas mães, tias e avós” Grupo XIX de Teatro, 2006, p.59

Antes do início da peça, a plateia já é convidada para tal diálogo de forma diferente. Homens e mulheres entram no local separados, de modo que eles se posicionam primeiro, de frente para a cena e na sequência elas sentam nos bancos colocados de forma circular dentro do espaço cênico, mesmo local onde já se encontram as atrizes. Tal separação é inspirada nas experiências realizadas pelo Dr. Jean-Martin Charcot (1825-1893), que as executava com mulheres consideradas histéricas naquela época, assim como o público da peça inserido nesse contexto. Na figura abaixo, é possível ver a configuração proposta pelo grupo para a disposição do público:



Fonte: Foco in cena.

### **Mulheres históricas**

Ao entrar no espaço cênico, o público logo é contextualizado das circunstâncias da história: estão todos no século XIX. As atrizes do grupo explicam as regras do local para as mulheres, visto que estão todas no mesmo lugar - um manicômio. A alusão à época também explica o título do espetáculo, já que no século XIX, o termo “histeria” era utilizado para o diagnóstico dado à maioria das mulheres internadas nos manicômios por seus comportamentos classificados como exagerados, de forma que a montagem sugere que todas ali possuem tal diagnóstico. O diretor da peça, Luiz Fernando Marques, explica essa escolha:

“O maior intuito da dramaturgia é causar uma provocação a respeito do termo ‘histeria’ que era dado como patológico, mas na verdade sempre foi social. À medida que as mulheres tinham acesso ao conhecimento, percebiam a necessidade de luta pelos seus direitos. Quem não cumpria a função de reproduzir, cuidar da casa, do marido e dos filhos era considerada subversiva. Sexualidade, aborto e voto era assunto de mulher histórica” Luiz Fernando Marques, 2017

Ao longo da narrativa, o público conhece os motivos para tais personagens terem sido classificadas de tal forma, como por exemplo MJ, feita pela atriz Juliana Sanches, que com frequência comenta sobre os “calorões” que sente no corpo, dando a entender uma vontade de se relacionar sexualmente com homens e desejando o mesmo para todas as mulheres ali presentes, como uma necessidade compartilhada.

### **Figurinos históricos**

Ao assistir o espetáculo, o público consegue facilmente ver a unidade dos figurinos, todos em tons claros de bege e branco, as atrizes trazem referências da época que acontece a história para a cena. Em entrevista para esse artigo, a atriz Juliana Sanches explica que, como de costume no processo criativo do grupo, as ideias do figurino surgiram simultaneamente à dramaturgia, encenação e cenário, com testes ao longo dos ensaios dentro do estilo pensado para depois confeccionar ou comprar as peças definitivas.

Nessa montagem, o coletivo optou por centrar as pesquisas nas mulheres mais velhas de suas famílias, com ideias que resultaram na utilização de tecidos de renda, saias rodadas, tons pasteis e lenços. O acervo do espetáculo teve peças vindas de brechós, que precisaram de muita busca e, por se tratar de uma obra que está em cartaz a tanto tempo, também já passou por algumas adequações no período, quando foi preciso. Por se tratar de uma criação com baixo orçamento, o processo foi pensar o que era possível de usarem naquela época e que se adequasse ao possível para o grupo, numa espécie de “catadão”, como define Juliana na entrevista.

Figura 2: figurinos do espetáculo

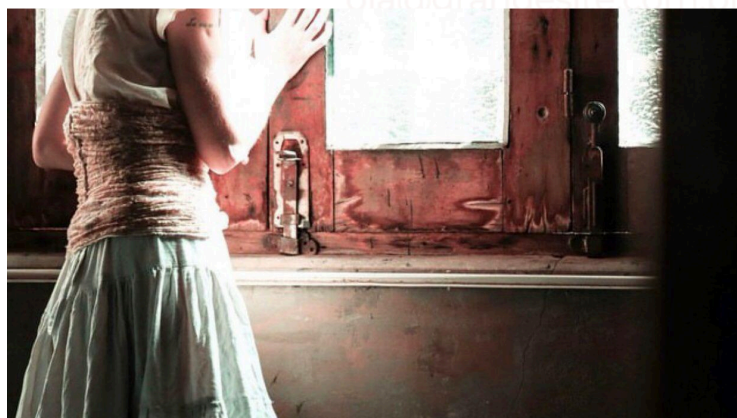


Fonte: Divulgação

Nesse sentido, é possível perceber que os trajes, assim como os temas abordados na história, possuem aproximações com o contemporâneo, e talvez esse seja o fator que prende o público presente. No caso do figurino da atriz Juliana Sanches, entrevistada para esse artigo, nota-se que ela tem um corset utilizado para marcar sua cintura, peça que também tem tomado as passarelas atualmente. Naquela época, a peça era um elemento importante para feminilidade, uma vez que marcava a silhueta das mulheres de forma desenhada, mesmo que para isso precisasse causar certo desconforto devido ao seu formato justo.

No contexto do espetáculo, é possível associar esta peça à uma tentativa de prender MJ, uma moça que foi diagnosticada como “histérica” por seus calorões e desejo sexual, uma postura vista como negativa na época que perdura até hoje, de alguma maneira, e que também se associa facilmente com outras classes femininas. Por baixo, coloca-se um vestido solto, longo e leve que, por outro lado, provoca uma contradição do desejo dela pela liberdade e o movimento, além de também ser uma referência ao ideal imposto pela sociedade da época que se passa a história.

Figura 3: A atriz Juliana Sanches durante a peça



Fonte: Divulgação

### Considerações finais

É interessante perceber, nesse sentido, como a peça transita por diferentes épocas, mas que se mostram interligadas. Com uma história e processo de criação baseada no século XIX, a criação dos trajes e as temáticas abordadas já são a porta de entrada para o diálogo com o contemporâneo. Por terem um orçamento reduzido, o grupo optou por ir atrás das peças por meio da curadoria de brechós, mas hoje percebe-se que os elementos utilizados ainda seguem presentes em nossa sociedade sem necessariamente serem utilizados da mesma forma ou mesmo carregando simbolismos diferentes que dialogam com a sociedade atual. No caso do figurino da atriz Juliana Sanches, esse diálogo pode ser facilmente percebido.

### Referências

GRUPO XIX de Teatro. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo458682/grupo-xix-de-teatro>. Acesso em: 25 de junho de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7


REBOUÇAS, Renato Bolelli. **A construção da espacialidade teatral: os processos de direção de arte do grupo XIX de teatro**. São Paulo, 2010.



18° COLÓQUIO  
DE MODA

17  fórum das  
escolas de moda

9° CONGRESSO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA



[ola@grandesite.com.br](mailto:ola@grandesite.com.br)